BIBLIO. CA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº 5904
Data 26/01/00

EX.01

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Memórias de um Sargento de Milícias: uma investigação sobre sua transitoriedade

Maria Rita de Carvalho

C331m

Pontes e Lacerda - MT
1999

Turma 1999/2

Maria Rita de Carvalho

Memórias de um Sargento de Milícias: uma investigação sobre sua transitoriedade.

Ensaio monográfico apresentado no curso de graduação em Letras da UNEMAT (MT), no Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura. Orientador: José Pereira Neto.

Pontes e Lacerda - MT
1999

"O Realismo é uma reação contra o romantismo: o Romantismo era a hipoteose do sentimento; _ O Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos _ para condenar o que houver de mau na nossa sociedade."

Eça de Queirós

Agradeço a Deus por ter me dado força, paciência e sabedoria para seguir meu caminho e superar meus problemas.

Ao meu esposo Melquizedec O. Carvalho que tantas vezes me incentivou, não deixando eu desistir, compreendeu meu silêncio e as vezes minha falta de paciência exercendo porém, o papel de pai e amigo.

Aos meus filhos, Raquel, Tatiane e Matuzalém, que muitas vezes eu deixei de lado para exercer naquele momento o papel de aluna e não de mãe.

APRESENTAÇÃO

Durante o curso de Letras, mais especificamente no V Semestre, através da disciplina de Literatura Brasileira II, pude conhecer melhor os períodos Literários Romântico e Realista. Durante esse período conheci a obra *Memórias de um Sargento de Milícias,* de Manoel Antônio de Almeida.[1]

Esta obra chamou-me a atenção pelo forte jogo de oposições que apresenta, começando pela ordem imposta pelo major Vidigal a toda desordem que reinava naquela sociedade retratada pelo autor. O amor e o desamor, o trabalho e a vadiagem, a religiosidade e a descrença. Enfim, bem e mal se fundem, não há o certo e o errado, tudo é relativo e depende do lugar e momento que cada um olha, pois todos acabam circulando de um lado a outro, com total naturalidade, sem dores de consciência.

Durante o estudo dessa obra, a partir de discussões em sala de aula, surgiu em mim o interesse em aprofundar meus conhecimentos a respeito desta obra tão instigante, pois lendo alguns teóricos percebi que as opiniões a respeito dela divergiam. Alguns a classificam romântica, outros realista ou romance de transição, enquanto outros o dizem romance picaresco, malandro ou documentário.

Diante de tal impasse, decidi verificar mais detalhadamente essa gama de opiniões, buscando estabelecer a posição dessa obra dentro dos períodos literários. Portanto, minha preocupação nesta pesquisa será observar todas as considerações tecida pelos críticos e através delas estar me posicionando em relação a obra.

---

[1] ALMEIDA, Manuel Antonio de. Memórias de um Sargento de Milícias. 31 ed. Editora Ática, São Paulo - S.P. 1998

Para realizar esta pesquisa estarei buscando apoio na historiografia, trabalhando com os elementos sociais e históricos que aparecem na obra. Para isto farei um levantamento estético do Romantismo vendo suas principais características, para ver se através dela se constituiram como traços românticos que possa existir dentro da obra.

Estarei também fazendo uma pesquisa sobre o Realismo e também tentarei buscar as características realistas que permeiam neste romance, pois lendo a obra superficialmente pude perceber características das duas escolas dentro dela, o que me levou a questionar até que ponto pode se dizer que esta obra seja romântica, realista ou de transição.

Faraco e Moura[2] por exemplo, diz que *Memórias de um Sargento de Milícias* foge às convenções do romantismo e que, portanto é considerado uma obra de transição para o realismo. Segundo eles apesar de nesta obra permanecerem muitas convenções do romantismo, ela apresenta como novidades personagens não idealizadas e pertencentes a uma classe social que ainda não tinha sido evocada na literatura, que era o povo remediado. Usa linguagem mais popular e possui certa tendência à comicidade.

Hildebrando Campestrini[3] considera Almeida como percursor do nosso realismo e diz que ele fez uma obra humorística e pôs como personagem central um personagem picaresco. Antônio Cândido[4] possui opinião diferente, para ele, Leonardo, a personagem de *Memórias de um Sargento de Milícias* não é um pícaro saindo da tradição espanhola, mas o primeiro grande malandro que entrou na novelística brasileira, vindo de uma tradição folclórica e correspondendo a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo no Brasil.

---

[2] FARACO E MOURA, Cícero Emílio e Francisco Marto. Língua e literatura. 18 ed. Vol. II 2º Grau, Ed. Ática, 1998. São Paulo - SP. (p. 200).

[3] HILDEBRANDO, Campestrini. Literatura Brasileira, com textos e testes. Editora FTD S.A. São Paulo - S.P. 1977.

[4] CANDIDO, Antonio. Apud. PICCHIO, Stegacno Luciana. História da Literatura Brasileira.

Assim como Antônio Cândido[5], Cecília de Lara[6] também vê *Memórias* como um romance malandro.

O primeira capítulo será dedicado ao romantismo. Farei um levantamento histórico desse período, citando suas características. No segundo capítulo farei o mesmo com o realismo e finalmente no terceiro e último estarei analisando a obra tentando observar o que ela possui de romântica, realista e o que pode nos indicar que seja uma obra de transição.

Rio de Janeiro. Editora Nova Aguiar S.ª, 1997. (p. 206).

[5] CANDIDO, Antonio. Apud. PICCHIO. Op. cit. P. 206.

[6] CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem (fortuna crítica) in ALMEIDA Manuel Antonio de. Memórias de um Sargento de Milícias - ed. Critica de Cecília de Lara - Rio de Janeiro: Livros tecnicos e científicos, 1978, p. 320.

I - Romantismo

O romantismo surgiu no fim do século XVIII com a corrente pré-romântica alemã, o qual pretendia inovar a cultura em todos os cantos. Temos como representante desse período na literatura, o escritor Goethe, da poesia Schiller e na filosofia Schelling. Nesse período predominava ainda a última das manifestações do classicismo através do arcadismo, o qual voltava-se para a antigüidade clássica, usando modelos e regras dessa época. Os românticos reagiram contra esses modelos, não considerando o culto à razão, mas valorizando os sentimentos, o *eu* e os seus conflitos internos. Da Alemanha e Inglaterra, os escritores voltam-se contra os modelos estabelecidos, e também as formas de limitação do artista. Esses artistas preferem usar uma linguagem mais pessoal, sendo a abordagem de temas ligados à prática, as lendas e aos contos, a grande preocupação do momento. As idéias pré-românticas influenciaram toda a Europa, e, a partir desse momento passou a vigorar na nova ordem estética baseada na liberdade pessoal.

Dois grandes acontecimentos mudaram profundamente a sociedade no final do século XVIII: A Revolução Francesa (1789) e a primeira Revolução Industrial (Inglaterra, pois graças a esses movimentos a burguesia alcançou o poder derrotando a aristocracia. A partir daí a burguesia impôs seu modo de vida frente a sociedade o que ocasionou o aparecimento do romantismo no âmbito literário, pode se dizer que o romantismo é a expressão literária da burguesia que veio romper com as regras e modelos clássicos. Dentre suas principais características temos o individualismo, o subjetivismo, o

UNEMAT
Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

escapismo, liberdade de forma, o sentimentalismo, a religiosidade, o culto a natureza, a liberdade, o nacionalismo e o idealismo.

No Brasil, a inspiração do pensamento romântico chega através da França. Nessa época ocorriam no país muitas mudanças, entre as quais o empenho, a luta pela independência política e cultural. Todavia o romantismo brasileiro assumiu uma função própria ajustando-se perfeitamente ao temperamento nacional, o qual era nostálgico, sonhador, muito orgulhoso de sua natureza privilegiada. Vinha de encontro também aos desejos de liberdade, de afastamento da metrópole em virtude de uma rebelião aos fatores que fossem originários de Portugal.

A grande importância do romantismo no Brasil é a definição dos valores brasileiros tanto no plano histórico-cultural como no artístico literário. O romantismo marcou o início da fase nacional da literatura brasileira. Esse movimento foi introduzido com a publicação de *Suspiros poéticos e Saudades,* de Gonçalves Magalhães, acontecimento que agradou a todas as aspirações sociais e culturais da época.

Os princípios românticos serviram não só para expressão de problemas pessoais como para a luta em forma de causas políticas e sociais. No Brasil, as características juntam-se o indianismo, marca diferenciadora. Já a ênfase a nacionalidade se faz objetivando a valorização do índio e das coisas puramente brasileiras.

No Brasil, o romantismo exerceu uma influência maior sobre o romance, pois este estilo de época coincidiu com o surgimento do romance brasileiro. Antes do romantismo raros foram os textos narrativos que se aproximaram desse gênero literário. Isso significa que no Brasil o romance nasceu romântico.

Cronologicamente, o primeiro romance brasileiro é o *Filho de um Pescador,* de Teixeira & Sousa de 1843. Obra de qualidade inferior, tem valor apenas histórico. Foi com Joaquim Manuel de Macedo, que surgiu o verdadeiro romance brasileiro. *A*

Moreninha garante-lhe de fato o pioneirismo nesse gênero literário. A partir dessa obra e atendendo a um crescente interesse do público leitor, inúmeros romances foram publicados durante o romantismo brasileiro.

Macedo inaugurou entre nós o chamado *romance urbano*, que tem como cenário a cidade grande no caso o Rio de Janeiro, sede do império. Essa categoria será cultivado por outros escritores do período.

O romance romântico surgiu no Brasil para atender o público burguês e de início foram realizado adaptações (folhetins quanto à forma) somente algum tempo depois, vieram as produções autênticas.

No romance brasileiro podemos perceber a existência de três momentos caracterizados pelo tipo de obra literária deles produzida. O primeiro momento é caracterizado pelo acentuado espírito nativista: ânsia de possuir a terra, de expressar a pátria, marcado pela introdução do indinismo, cuja grande preocupação é descrever a terra e exaltar o produto dela, o segundo momento é conhecido também como ultra-romantismo ou momento byroniano o qual tem por modelo a figura de Byron, poeta inglês, boêmio, sombrio e melancólico. Esta é a época onde manifesta o *mal do século,* ou seja, o sentimentalismo exagerado, o pessimismo, obsessão pela morte. O terceiro momento, conhecido por *condoreirismo* (por usar uma linguagem tão elevada como o vôo de condor). Vitor Hugo é o poeta inspirador desta fase, a qual assume o feitio social na luta a favor da abolição, da liberdade, do progresso e da república.

No romantismo brasileiro houve o aparecimento de quatro formas de romance, assim definidos:

O romance urbano, o qual trata dos acontecimentos da vida na cidade, as festas, os teatros, onde se notam os costumes, as tradições da época. Representantes: Joaquim Manoel de Macedo, Manoel da Almeida e José de Alencar.

O romance sertanejo, (regionalista), em oposição ao romance urbano, reflete a vida nas fazendas, os usos e costumes do homem do interior, dos lugares pequenos. Visconde de Taunay, Bernardo Guimarães e José de Alencar.

Romance histórico, representa uma volta ao passado, aos séculos XVI, XVII e XVIII e o século XIX tomando como tema as aventuras dos bandeirantes, os quadros do período colonial, principalmente retratando o passado do Rio de Janeiro.

Romance indianista, a idéia do "bom selvagem" de Rosseau foi acolhida pelos românticos brasileiros que passaram a defender nossos índios, enaltecendo os feitos desse povo. Alencar criou o romance indianista e na poesia Gonçalves Dias prestigiou esse tema, acrescendo-lhe o interesse nacional.

Campus Universitário de Fontes e Laceria - MT
BIBLIOTECA

II - O Realismo

O movimento realista surgiu graças as transformações ocorridas no modo de pensamento na segunda metade do século XIX, principalmente na França. Aparece o positivismo de Conte e, ainda outras linhas teóricas como o determinismo de Taine, a medicina experimental de Bernard, o darwinismo, na Inglaterra e as idéias filosóficas de Schopenhauer, na Alemanha.

Entre as características do realismo podemos citar em 1° lugar a atitude anti-romântica, os realistas preocupavam-se com o objetivo ou o não-eu e buscavam atingir tal elemento, fazendo uso da razão ou da inteligência. Como podemos perceber, os realistas buscavam alcançar a realidade aderindo-se à ciência como forma de conhecimento objetivo da realidade efetuando com o apoio das faculdades racionais.[7]

O Realismo/Naturalismo brasileiro apresenta basicamente as mesmas características da literatura européia da época, com algumas variações locais.

O novo estilo iniciou-se no Brasil com a publicação do romance naturalismo *O Mulato*, de Aluízio Azevedo, e do romance realista *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, ambos publicados em livros no ano de 1881. São romance urbanos, isto é, têm como cenário a cidade grande.

Ao lado desse tipo de obra e adaptando-se a nova maneira de escrever, prosseguia viva a tendência regionalista que se iniciaram no romantismo. Alguns escritores trazem para a literatura os mesmos habitantes das regiões interioranas do país, já focalizados no

---

[7] MOISÉS, Massaud. Literatura Portuguesa em perspectiva. Vol III. São Paulo: Atlas, 1994. P. 166.

romantismo, mas agora sem a idealização romântica; ao contrário, com uma dose marcante de objetividade.

Em relação à política, os realistas apresentavam-se como republicanos ou socialistas, assumindo uma postura antimonárquica, antiburgueses e anticlericais. A obra literária passou a ser usada como "arma de combate, de reforma e ação social", partindo para tal pelo caminho da ciência. Os realistas buscavam fundamentar as teses que defendiam partindo da delimitação de personagens situada nas várias camadas sociais.

O realismo em Literatura consiste em representar a vida tal como ela é. Assim o realismo literário ocupa-se do real, isto é, aquilo que é percebido pelos sentidos, aquilo que pode ser comprovado, que pode ser fielmente reproduzido. Portanto é o oposto do romantismo.

Os realistas adotam as concepções filosóficas inspiradas no positivismo e no determinismo. Dessa forma, a arte representa o homem condicionado pelo meio, pelo momento histórico e pela herança.

No Brasil, o realismo começou em 1881 com o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Esta obra foi publicada num Brasil já independente, porém vivendo sérios conflitos entre a Igreja e o Estado. A Igreja Católica e outras começaram a divulgar o trabalho missionário e ocorreu também neste período a guerra do Paraguai, bem como constantes crises entre os partidos políticos. Diante de tais conflitos a preocupação do povo era com a realidade, por isso buscavam intensivamente os valores literários e materiais voltando-se para o positivismo, de Comte, a doutrina revolucionária de Darwin, a filosofia de Spencer e a psicologia experimental do alemão Wilhelm Wundt, o que revolucionou o modo de vida da população, tanto no aspecto social como político e religioso.

Diante das mudanças sócio-política e religiosa, os escritores passaram então a escrever com objetividade, pois o homem começou a preocupar-se com o que estava diante e fora dele. Um desses escritores foi Machado de Assis que além de escrever romances românticos inaugurou também o estilo de escrever com humor e ironia, é com Memórias Póstumas de Brás Cubas que ele inicia-se no realismo.

Uma das principais características do realismo é a fidelidade ao objeto, isto é, a preocupação maior do escritor realista é apresentar a história, o personagem, a cena, a paisagem tal como é na realidade, sem desfigurá-la. É esta preocupação que introduz o gosto pelo detalhe. O escritor faz questão de apresentar o objeto minuciosamente, com todos os pormenores. Dessa forma o autor faz o trabalho do repórter que é relatar exatamente o que acontece e descrever o que vê.

Uma outra característica do realismo é a exploração dos dramas da existência contemporânea, para isto tenta focalizar o que existe de perene no homem à luz da filosofia da época, por isso o interesse de apresentar no romance, problemas existenciais da época.

As personagens realistas são tipos concretos, vivos, porque não são idealizados e sim personagens reais, que predominam sobre o enredo.

Machado de Assis é um ator que busca sempre a perfeição da forma, o equilíbrio entre a linguagem e o conteúdo.

O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira achava-se na ficção de Machado de Assis.[8]

O realismo encara a vida objetivamente. Não há intromissão do autor dentro da obra, pelo contrário, ele deixa as personagens atuarem uns sobre os outros na busca da

---

[8] BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 3 ed. Editora Cultrix. São Paulo-S.P., 1992. p. 193

solução. O autor não confunde seus sentimentos e ponto de vista com as emoções das personagens.

A narrativa realista move-se lentamente, pela própria natureza da técnica, que é minuciosa, e pelo maior interesse na caracterização do que na ação, o realista dá a impressão de lentidão e vaivéns de marcha quieta e gradativa pelos meandro dos conflitos, dos êxitos e fracassos. O realismo apoia-se sobretudo nas impressões sensíveis, escolhe a linguagem mais próxima da realidade, da simplicidade, da naturalidade.

O realismo retrata a vida contemporânea. Sua preocupação é com os homens e mulheres, emoções e temperamentos, sucessos e fracassos da vida do momento. Esse senso do contemporâneo é essencial ao temperamento realista. Do mesmo modo que o romântico se volta para o passado ou para o futuro, ele encara o presente, nas minas, nos cortiços, nas cidades, nas fábricas, na política, nos negócios, nas relações conjugais e etc. Qualquer motivo de conflito do homem com seu ambiente é assunto para o realista.

Em conclusão, o realismo é a tendência literária que procura representar, acima de tudo a verdade, isto é, a vida tal como é, utilizando para isto a técnica da documentação e da observação. Interessado na análise e caracteres, encaram o homem e o mundo objetivamente, para interpretar a vida. Utilizando das impressões sensíveis procura retratar a realidade graças ao uso de detalhes específicos o que faz com que a narrativa seja longa e lenta e dê a impressão nítida de fidelidade aos fatos.

III - Memórias de um Sargento de Milícias, uma investigação sobre sua transitoriedade.

De acordo com Afranio Coutinho[9], quando *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, foi publicado em forma de livro, ele não teve muita aceitação, pois não estava em acordo com a atmosfera romântica que vigorava no período em que se foi publicado, visto que os leitores estavam acostumados aos dramas românticos e a personagens encharcados de lirismo que fugiam da realidade, enquanto em *Memórias de um Sargento de Milícias* esse lirismo não estava presente e os personagens assemelhavam-se ao real.

O problema das *Memórias de um Sargento de Milícias* é a sua classificação. Muito se tem dito a esse respeito, porém ainda há uma grande controvérsia sobre o assunto.

Alguns o classificam como romance picaresco, como por exemplo Hildebrando Campestrim[10] que diz o seguinte "... Almeida fez uma obra humorística, focalizou a classe pobre, pôs como central um personagem picaresco...". Mário de Andrade[11] foi o primeiro a tratar deste assunto num artigo, mas em seguida abandonou essa idéia, porém outros críticos procuraram levar adiante sua sugestão. Observando os resultados dessas investidas, percebemos que o problema continua aberto. Mas afinal o que é um pícaro? Se o pícaro quase sempre é filho de pais pobres e raramente honrados, e que por culpa de más companhias e por falta de instrução cai na vadiagem, nas confusões da vida e se

---

[9] COUTINHO, Afrânio, Co- Direção Eduardo Faria. A Literatura no Brasil. Era Romântica. Vol III,
Parte II. 4 ed., Editora Global, São Paulo, 1997.
[10] HILDEBRANDO, Campestrini. Literatira Brasileira. Op. cit. P. 47.
[11] CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. Op. cit. P.P.- 317,318.

vêem entregues à própria sorte, sendo obrigado a pedir esmola, a sujeitar-se a empregos temporários e mal remunerados e apesar da fome e dos fracassos não deseja ser diferente do que é, então o Leonardo das *Memórias de um Sargento de Milícias* não é o pícaro, pois sempre tem alguém para cuidar dele, mesmo quando é abandonado pela mãe e pelo pai ele é entregue ao barbeiro, seu padrinho, que lhe proporciona todas as condições para ser alguém na vida. O que aconteceu porém, é que ele não aproveita as oportunidades que lhe são dadas, prefere levar a vida como bem entende.

O que assemelha ao pícaro é a sua origem, pois é "filho de um beliscão e uma pisadela", mas no restante se distancia. O pícaro é mendigo, vagabundo, andarilho e aventureiro e faz de tudo para sobreviver, enquanto o Leonardo não sai do Rio de janeiro, apenas percorre alguns bairros da cidade na pura vagabundagem. Portanto, seu perfil é mais o do malandro que tem ojeriza ao trabalho, do que o dum pícaro.

> Semelhante a vários pícaros, ele é amável e risonho, espontâneo nos atos e estreitamente aderente aos fatos, que o vão ralando pela vida. Isto o submete, como a eles, a uma espécie de causalidade externa, de motivação que vem das circunstâncias a torno o personagem em títere, esvaziando do lastro psicológico e caracterizado apenas pelo solavancos do enredo. O sentimento de um destino que motiva a conduta é vivo nas Memórias, onde a comadre se refere a sina que acompanha o afilhado, acumulando contratempos e desmanchando a cada instante as combinações favoráveis.[12]

Segundo Ludwig Pfande[13], o pícaro não é de modo algum mulherengo nem beberrão e nisso o Leonardo também se assemelha ao pícaro, pois quando ele conhece Luisinha e lhe declara o seu amor, ele o faz timidamente levando-nos a entender que ela foi a primeira moça a despertar seu interesse e até o seu casamento com ela se envolve apenas com Vidinha.

---

[12] CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. Op. cit. P. 320.
[13] PFANDE, Ludwig. Apud. MOISÉS, Massaud. Vol. II, Romantismo, 1 ed. Editora Cultrix,

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Uma outra distinção que ocorre entre os romances picarescos e as *Memórias de um Sargento de Milícias*, é que o primeiro usa de linguagem obscura, porém *Memórias de um Sargento de Milícias* faz uso de um vocabulário limpo, sem qualquer baixeza de expressão.

Um outro traço que difere entre o romance picaresco e *Memórias de um Sargento de Milícias* é a fome, que é um dos componentes básicos do pícaro.

> (...) O protagonista era, além de traquinas, guloso; quando não traquinava, comia, ao contrário do pícaro, que mente e rouba para aquietar o estômago. E não esquecer dos rega-bofes ao ar livre, para gáudio de Major Vidigal, que assim podia fazer valer a autoridade. As personagens das Memórias, nem por serem de baixa extração conhecem as torturas da fome: não é gastronômico o problema que as ameaça, mas o social ou o ético, naquilo que, movidos por uma sensualidade primária, vivem numa sociedade preconceituosamente hipócrita e aprender a manter as aparência ou se marginalizam sem drama de consciência.[14]

Cecília de Lara[15] concorda que Leonardo não é um pícaro.

> (...) mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil Malandro que seria elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em Macunaíma e que Manoel Antônio com certeza plasmou espontaneamente, ao aderir com a inteligência e a afetividade ao tom popular das histórias que, segundo a tradição, ouviu de um companheiro de jornal, antigo sargento comandado pelo Major Vidigal de verdade.[16]

São Paulo - S.P., 1984. P.- 211.

[14] MOISÉS, Massaud. Vol. II, Romantismo, 1 ed. Editora Cultrix, São Paulo - S.P. 1984. p. 212

[15] CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. Op. cit.

[16] CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. Op. cit. P. 322

Antônio Cândido[17] também comunga dessa mesma idéia de Cecília de Lara[18], quando diz que Leonardo não é um pícaro saído da tradição espanhola, mas sim o primeiro grande malandro na novelística brasileira, vindo de uma tradição folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo no Brasil.

Como o pícaro, o malandro é uma espécie de gênero mais amplo de aventureiro astucioso que é bastante comum a todos os folclores. Por exemplo, o Leonardo pratica a astúcia pela astúcia com a única finalidade de livrá-lo de alguma enrascada e não como o pícaro cuja malandragem quase sempre visa ao proveito lesando sempre terceiros na sua solução.

Dizer porém, que o livro de Manoel Antônio de Almeida é documentário e que reproduz fielmente a sociedade em que a ação se desenvolve, antes teríamos que provar que ele reflete o Rio joanino o que seria difícil, pois o autor não retrata a alta burguesia que vivia na corte neste período, mas se atém em retratar um tipo de gente livre e modesta que poderíamos chamar a pequena burguesia. Há uma senhora rica, dois padres, em chefe de polícia e, de relance um oficial superior e um fidalgo, através dos quais vislumbramos o mundo do Paço.

Havia também um elemento antigo e importante para o cotidiano, que formava a maior parte da população que eram os escravos. Mário de Andrade[19], porém, coloca que praticamente não há gente de cor em *Memórias de um Sargento de Milícias*, com exceção das baianas da procissão do Ourives, que ele acredita ser simplesmente um elemento decorativo e também as crias da casa de Dona Maria que para ele são mencionadas apenas para enquadrar o Mestre de Rezas.

---

[17] CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. Op. cit.
[18] CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. Op. cit.
[19] CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. Op. cit.

Havia também um elemento antigo e importante para o cotidiano, que formava a maior parte da população que eram os escravos. Mário de Andrade[20], porém, coloca que praticamente não há gente de cor em *Memórias de um Sargento de Milícias*, com exceção das baianas da procissão do Ourives, que ele acredita ser simplesmente um elemento decorativo e também as crias da casa de Dona Maria que para ele são mencionadas apenas para enquadrar o Mestre de Rezas.

As vezes, os usos e costumes aparecem como documento, como por exemplo, a procissão dos Ourives, porém esta é descrita previamente como foco autônomo de interesse, portanto não é uma procissão-fato, ou seja, não é uma determinada procissão concreta, localizada, pormenorizada e fazendo parte da narrativa. Embora ela se vincule a ação presente, ela só aparece um instante, no fim, e o que domina o capítulo é a processão-uso, indeterminada com caráter de informe pitoresco. No capítulo XV, quando o autor trata da "Estralada", a festa de aniversário da cigana surge mais um elementos documentário que é a capoeiragem. "Mas aí o documento não existem em si, como no caso anterior: é parte constitutiva da ação, de maneira que nunca parece que o autor esteja informando ou desviando a nossa atenção para um traço da sociedade. Dentro das normas tradicionais de composição, a que obedece Manoel Antônio, o segundo caso está certo; o primeiro, senão errado, imperfeito, por motivos de natureza estrutural."[21]

Como disse na introdução deste trabalho, a partir daqui estarei levantando alguns aspectos românticos de *Memórias de um Sargento de Milícias*. Logo no início do primeiro capítulo quando o autor coloca "Era no tempo do Rei" fazendo uma alusão a D. João VI, isto nos indica que a obra foi escrita no período em que dominava a escola romântica no Brasil, porém apesar disso Manoel de Almeida não foi fiel às regras ditadas

---

[20] CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. Op. cit.

por esta escola, apenas permitiu que alguns aspectos da escola em vigor permeassem narrativa, e é esses poucos aspectos que estarei levantando agora.

Um desses aspectos pode ser percebido quando Leonardo Pataca, apaixonado pela cigana começa a rondar sua casa com esperanças de conquistar seu antigo posto de amante.

"Começou pois o sentimental Leonardo a rondar a porta de sua antiga amante: se a via na janela, ora para na esquina a dirigir-lhe olhares suplicantes, passando por junto dela deixada ora escapar um magoadíssimo suspiro ou uma queixa amargurada."[22]

Logo em seguida um outro trecho que vale a pena ser mencionado é o momento em que a cigana resolve convidá-la a entrar em sua casa e os dois acabam fazendo as pazes e ela lhe pede perdão, prometendo-lhe fidelidade até a morte.

> O Leonardo teve uma sensação inexplicável; seu rosto coloriu-se em todos os tons, desde o vermelho, que era sua cor habitual, até o roxo enegrecido; depois baixou gradualmente até a palidez marmórea; caminhando do lugar onde estava até a porta da cigana, não sentiu o solo debaixo de seus pés; quando deu acordo de si estava com os olhos rasos d'água nos braços da antiga amada que lhe pedia mil perdões, que prometida ser dali em diante fiel até à morte, se bem que se não esquecia não declarar no meio de tudo que se o percebia de novo em sua casa era porque queria quebrar a castanha da boca daquelas más línguas das vizinhanças que estava metendo com sua vida. O pobre homem não cabia em si; parecia um viajante que volta aos velhos lares, ou um cabo-de-guerra que acabava de livrar do poder do inimigo uma praça sitiada. Enfim reataram-se de todos os afrouxados laços. (p. 58).*

Um outro aspecto romântico que pude perceber é no momento em que Leonardo vai com o padrinho, Dona Maria e Luisinha assistir a queima de fogos na festa do divino.

---

[21] CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. Op. cit. P. 327

[22] ALMEIDA, Manuel Antonio de. Memórias de um Sargento de Milícias. 31 ed. Editora Ática, São Paulo-SP. 1998.

*A partir daqui, todas as referências bibliográficas deste trabalho, são feitas nesta edição.

Durante a queima de fogos, Luisinha entusiasmada firma-se com as mãos sobre os ombros de Leonardo tentando sustentar-se por mais tempo nas pontas dos pés. Isto é o suficiente para despertar em Leonardo sentimentos até então estranhos para ele.

> (...) Quando se atacou a lua a sua admiração foi tão grande que, querendo firmar-se nos ombros de Leonardo deu-se quase um abraço pelas costas. O Leonardo estremeceu por dentro e pediu ao céu que a lua fosse eterna; virando o rosto, viu sobre seus ombros aquela cabeça de menina iluminada pelo clarão pálido do misto que ardia, e ficou também por sua vez extasiado; pareceu-lhe então o rosto mais lindo que jamais vira, e admirou-se profundamente de que tivesse podido alguma vez rir-se dela e achá-la feia. (p. 71)

Após este acontecimento Leonardo descobre que está amando Luisinha, vejamos isto: "Como é que a sobrinha de Dona Maria, que a princípio tanto a desafiara e sua hilaridade por esquisita e feia lhe viera depois a inspirar amor, e é isso segredo do coração do rapaz, que nós não é dado penetrar: o fato é que ele a amava e isto nos basta." (p. 72)

Porém, com o passar dos dias extinto o entusiasmo que fora suscitados pelas emoções que experimentara na noite dos fogos, Luisinha voltara a sua antiga apatia e sempre que Leonardo e o padrinho visitava a casa de Dona Maria ela permanecia de cabeça baixa e com os olhos no chão, sem jamais olhar para Leonardo, gesto que despertou nele uma imensa tristeza, pois a partir da noite dos fogos ele passou a sonhar com Luisinha e a construir castelo como só os apaixonados sabem fazer. "Ora, para quem, como Leonardo, levara depois daquela feliz noite, a construir estes castelos de extravagante arquitetura com que sonhamos nos dias felizes do primeiro amor, isso foi já uma contrariedade sem nome; que se viu assim tratado quase desatou a chorar; só o conteve o receio de não poder depois justificar o seu pranto com qualquer pretexto." (p. 72).

Um outro momento em que predomina o romantismo é quando Leonardo declara para Luisinha o seu amor. É uma descrição um pouco longa, mas que vale a pena ser citada, pois retrata muito bem o receio, a insegurança e a comoção que só os corações apaixonados reconhecem e são capazes de sentir. Vejamos:

> Luisinha estava no vão de uma janela a espiar para a rua pela rótula, Leonardo aproximou-se tremendo, pé anti pé, parou e ficou imóvel como uma estátua atrás dela que, entretida para fora de nada tinha dado fé. Esteve assim por longo tempo calculando se devia falar em pé ou se devia ajoelhar-se. Depois fez um movimento como se quisesse tocar no ombro de Luisinha, mas retirou depressa a mão. Pareceu-lhe que por aí não ia bem; quis antes puxar-lhe pelo vestido, que ia já levantando a mão quando também se arrependeu. Durante todos esses movimentos o pobre rapaz suava em não poder mais. Enfim, um incidente veio tirá-lo da dificuldade. Ouvindo passos no corredor, entendeu que alguém se aproximava e tomado de terror por se ver apanhado naquela posição, deu repentinamente dois passos para trás, e saltou um - ah! - muito engasgado. Luisinha voltando-se deu com ele diante de si e recuando espremeu-se de costas contra a rótula; veio-lhe também outro - ah! - porém não lhe passou da garganta, e conseguiu apenas fazer uma careta.
>
> A bula dos passos cessou sem que ninguém chegasse à sala; os dois levaram algum tempo naquela mesma posição, até que o Leonardo, por um supremo esforço, rompeu o silêncio e com uma voz trêmula e em tom o mais sem graça que se possa imaginar perguntou desenxabidamente:
>
> _ A senhora... sabe... uma coisa?
>
> E riu si com uma risada forçada, pálida e tola.
>
> Luisinha não respondeu. Ele repetiu no mesmo tom:
>
> _ Então... a senhora... sabe ou... não sabe?
>
> E tornou a rir-se do mesmo modo.
>
> Luisinha conservou-se muda.
>
> A senhora bem sabe... é porque não quer dizer....
>
> Nada de resposta.
>
> _ Se a senhora não ficasse zangada... eu dizia... Silêncio.
>
> _ Esta bom... eu digo sempre... mas a senhora fica ou não fica zangada?
>
> Luisinha fez um gesto de quem estava impaciente.
>
> _ Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... eu lhe quero... muito bem.
>
> Luisinha fez-se cor de uma cereja; e fazendo meia volta a direita, foi dando as costas ao Leonardo e caminhando pelo corredor. Era tempo, pois alguém se aproximava. (p. 77).

Como dizem os românticos: "o amor opera milagres", e é isto o que acontece com Luisinha. Após a declaração de Leonardo, o patinho feio começa a transformar-se em cisne e é Leonardo o primeiro a perceber essa transformação.

> Desde o dia em que Leonardo fizera a sua declaração amorosa, uma mudança notável se começou a operar em Luisinha, a cada hora se tornava mais sensível a diferença tanto no seu físico como no seu moral. Seus contornos começavam a redondar-se; seus braços até aí finos e sempre caídos, engrossavam-se e tornavam-se mais ágeis; suas faces magras e pálidas, enchiam-se e tomava essa cor que só sabe ter o rosto da mulher em certa época da vida; a cabeça, que trazia habitualmente baixa, erguia-se agora graciosamente; os olhos, até aqui amortecidos, começavam a despedir lampejos brilhantes; falava, movia-se, agitava-se.
>
> A ordem de suas idéias alternavam-se também; o seu mundo interior, até então acanhado, estreito, escuro, despovoado, começava a alargar os horizontes, e iluminar-se, a povoar-se de milhões de imagem, ora amenas, ora melancólicas, sempre porém belas. Até então o diferente ao que se passava em torno de si parecia agora participar da vida, de tudo o que a cercava, gastava horas inteiras a contemplar o céu, como se só agora tivesse reparado que ela era azul e belo que o sol a iluminava de dia, que se recamava de estrelas `a noite. (p. 85)

A transformação ocorrida em Luisinha é completa, ela ocorre em seu físico: "seus contornos começavam a redondar-se; seus braços, até aí finos e sempre caídos engrossavam-se e tornavam mais ágeis, suas faces magras e pálidas, enchiam-se e tornavam esta cor que só sabe ter em certa época da vida; ... e também em seu espírito: ... os olhos, até aqui amortecidos, começavam a despedir lampejos brilhantes; ..."

O final do romance também é o típico final feliz das obras românticas onde tudo acaba bem. Leonardo após vários desencontros com Luisinha, esta fica viuva e eles finalmente se casam e ele recebe a herança do padrinho que estava sob administração do

pai. "Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho que se achava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensável do luto o Leonardo em uniforme de sargento de milícias, recebeu-se na Sé com Luisinha, assistindo a cerimônia a família em peso." (p. 152).

Após levantar algumas características românticas dentro da obra, passarei agora a observar algumas características realistas que ela apresenta, não o realismo de "escola", mas o realismo natural como diz Massaud Moisés.[23]

> Desses pontos de contacto, e outros aspectos próprios as "Memórias", nasce o realismo que preside a narrativa, não o realismo de "escola", como erroneamente viu José Veríssimo, ao conceder-lhe dom de presságio em relação ao Realismo e Naturalismo que fariam carreira na segunda metade do século XIX, mas o realismo "natural" atitude estética praticamente presente ao longo de toda história da arte literária ocidental. Realismo de quem se volta para o mundo circundante e procura delinear-lhe o relevo com a verossimilhança possível, não o Realismo que pretendeu ascender à "verdade" por meio do catecismo positivista. (p. 214).

A primeira característica realista na obra aparece no encontro de Leonardo e Maria da hortaliça, através da pisadela que ele lhe dá no pé direito e do beliscão nas costas da mão esquerda que ele recebe em retribuição.

> (...) estando a Maria encostada a bordo do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela e com o ferrado sapatão acentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como já se esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isso uma declaração em

[23] MOISÉS, Massaud. Vol. II, Romantismo. Op. cit. P. 214.

> forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia a namorar cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem dessa vez um pouco mais forte; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares que pareciam sê-lo de muitos anos.
>
> Quando soltaram em terra começou a Maria a sentir certos enôjos: foram os dois morar juntos: (...) (pp. - 12,13).

Através dessa narrativa percebemos que não houve ilusões, nem um ritual romântico, comum no romantismo. Eles se conheceram num dia, e no dia seguinte já parecia que se conheciam há muitos anos. Isso se deu durante uma viagem de navio de Lisboa ao Brasil. chegando ao Rio de Janeiro vão morar juntos sem se casar, fato que também não ocorre no romantismo. Em seguida, Maria percebeu que estava grávida e algum tempo depois nasceu Leonardo. Sete anos depois, Leonardo Pataca começou a suspeitar que Maria o vinha traindo e ao ver confirmada as suas suspeitas agrediu Maria na frente do filho, que assistiu a cena com imperturbável sangue frio. Quando Leonardo Pataca percebeu o que o filho tinha feito com seus papéis também o agrediu com violência.

Essas agressões físicas são inaceitáveis no romantismo, porém são naturais no realismo natural que Massaud Moisés menciona na citação anterior.

> (...) e o ciúme e a raiva de que se achava possuído transbordaram em socos sobre a Maria, que depois de uma tentativa inútil de resistência desatou a correr, a chorar e a gritar (...).
>
> (...) Suspendeu o menino pelas orelhas fê-lo dar no ar uma meia volta, ergue o pé direito, sustenta-lhe em cheio sobre o glúteos atirando-o sentado a quarta braças de distância.
>
> _ És filho de uma pisadela e um beliscão, mereces que um pontapé te acabe a costa.
>
> O menino suportou tudo com coragem de mártir, apenas abriu ligeiramente a boca quando foi levado pelas orelhas: mal caiu, ergueu-se, embarafustou pela

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

> porta a fora, e em três pulos estava dentro da loja do padrinho, ... (pp - 15,16).

Levantando algumas características do realismo natural e não do realismo estética que é o realismo enquanto escola literária e levando em conta o realismo social descrito por Massaud como realismo natural, podemos destacar as fofocas, o gosto em bisbilhotar a vida alheia, as intrigas entre vizinhos, como uma característica natural desse realismo que é justamente uma oposição ao romantismo, que apresenta o homem com características nobres e irrepreensível, enquanto o realismo social apresenta este homem sem qualquer nobreza ou heroísmo, mas com defeitos de caráter e com tendências a se envolver em todo o tipo de rixas e picuinhas familiares ou sociais.

> Espiar a vida alheia, inquirir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquele tempo coisas tão comum e enraizadas dos costumes, que ainda hoje, depois de passado tantos anos, restam grandes vestígios desse belo hábito. (p. 16).

> A comadre, apenas ouviu isso, foi procurar o compadre; não se pense porém que a levara a isso outros interesses que não fosse a curiosidade, que queria saber o caso com todos os menores detalhes; isso lhe dava longa matéria para conversar na igreja, e para entreter as parturientes que se confiavam em seus cuidados. (p. 31).

> _ Então, vizinha, como vai seu reverendo?
> Um velho que morava de fronte, e que também se achava a janela desatou a rir com a pergunta.
> A comadre foi às nuvens, avermelhou-se-lhe a calva, franziu a testa, porém fez que não tinha ouvido. A vizinha pôs-se também a rir, percebendo o cavaco e acrescentou.
> _ Padre amigo do fado... tem que ver... quando vai ele outra vez a casa dos ciganos?
> O velho defronte redobrou a risada. A vizinha continuou:
> _ Então ele encarrilha o pai nosso?
> O compadre exasperou-se completamente; e estudando uma injúria bem grande para responder, disse afinal:

> Já... já... com a vida alheia... já sabe o padre nosso, e eu o faço rezar todas noites um belo seu defunto marido que está a essa hora dando coices no inferno!
>
> Hein?... o que é que você diz, senhora raspa-barbas? Você me mete terceiros a conversa? Disse a vizinha encrespando-se; olha que esse de quem você fala num foi sangrados, nem viveu de aparas de cabelos... não se meta comigo que ei de lhe dizer das últimas e por-lhe os pobres na rua... Coices no inferno! Ora dá-se? Um santo homem... Coices no inferno... Pois agora saiba, porque eu cá não tenho papas na língua, que o tal seu afilhado das dúzias é um pedaço de malcriadão muita gente, que há de desonrar as barbas de quem o criou... E não tem que ver, porque ele é de má raça... já ouviu? Não se meta comigo... (p. 42).

> (...) um dia finalmente desandou em descompostura cerrada, em ameaças do tamanho da torre de babel, foi causa disto ter um dos primos pilhado e feliz Leonardo em flagrante gozo de uma primícias amorosa, um abraço que no quintal trocava ele com Vidinha.
>
> _ Aí esta, minha tia, dissera enfurecido o rapaz dirigindo-se à mãe de Vidinha, aí está o lucro que se tira em meter-se para dentro de casa um par de pernas que não pertence à família...
>
> _ Onde é, onde é que está pegando fogo? Disse a velha em tom de escárnio, supondo ser alguma asneira do rapaz, que era em tudo muito exagerado.
>
> _ Fogo, replicou este; se ali pegar fogo não haverá água que o apague... e olhe o que lhe digo, se não está pegando fogo... está se ajuntando lenha para isso. (p. 108)

Outra característica do realismo é a objetividade em narrar os fatos com uma linguagem sem rodeios ou metáforas, mostrando as coisas como elas realmente são, mesmo que elas mostrem o "feio" e o "imperfeito", porque fidelidade ao objetivo é uma das características dessa escola.

> Em Literatura, o Realismo consiste em representar a vida tal como ela é. Portanto, o realismo literário é uma reação contra o Idealismo romântico. O Realismo literário ocupa-se do real: aquilo que é percebido pelos sentidos, aquilo que pode ser comprovado, que pode ser fielmente reproduzido.
>
> Deste modo, o romantismo é um oposto do realismo. A ênfase romântica no eu e na exaltação dos sentimentos

> deve ser substituída por algo que está fora do eu: o que nos rodeia, o real.[24]

Portanto, o escritor faz questão de narrar objetos e pessoas minuciosamente com todos os pormenores. Vejamos a descrição que o autor faz de algumas personagens.

> (...) estando o infeliz pai em preparativos de viagem vir entra-lhe pela porta a dentro uma mulher velha, baixa, gorda, vermelha... (p. 37)
> (...)
> (...) era a sobrinha de dona Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina ainda não tinha adquirido a beleza de moça: era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas e olhava a furto; tinha os braços finos e comprimidos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caia a testa e os olhos como uma viseira. (p. 66)
> (...)
> (...) entretanto a menina continuava a ser feia e esquisita; neste dia estava ainda pior do que nos outros. (p. 68).

Ao observar a composição da sociedade retratada no obra pude perceber que a sua composição não obedece as regras impostas pelo romantismo, onde a constituição familiar obedece ao rígido critério de pai, mãe e filhos, ou então, pai, filho mais velho, mãe e os demais filhos. Na obra trabalhada isso acontece de forma diferente, porque a sociedade familiar é estruturada fora dos padrões da época. Observemos como isso acontece.

A primeira família mencionada no romance é a de Maria da hortaliça e Leonardo Pataca que se conhecem numa viagem de navio e ao chegar ao destino vão morar junto sem a benção da igreja. A relação dos dois tem curta duração, pois dentro de alguns anos, Leonardo Pataca descobriu que estava sendo traído e cheio de ciúmes agrediu

---

[24] GOLDSTEIN, Norma e CAMPEDELI Samira. Literatura Brasileira estudo e textos. 5 ed.

Maria que o deixou juntamente com o filho e fugiu com o capitão do navio de volta para Lisboa sua terra e nunca mais procurou saber do filho ou do ex-marido. "Ao outro dia sabia-se que por toda a vizinhança que a moça do Leonardo tinha fugido para Portugal com o capitão de um navio que partira na véspera da noite." (p. 19).

Quando Maria da hortaliça foge com o capitão do navio e abandona o filho, este fica com o pai que também o rejeita entregando-o aos cuidados do compadre, padrinho do menino. O compadre vivia sozinho e não sabia se possuía pais ou parentes, lembrava-se apenas que fora criado por um barbeiro que cuidava dele, lhe ensinara a profissão e também a ler e escrever. Portanto o Leonardo foi criado sem carinho de uma família à semelhança do padrinho.

> Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém, que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio à curiosidade indagá-lo.
>
> Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e escrever. Enquanto foi aprendiz passou em caso do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulo, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida e enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ela o era. A troco disso deva-lhe o mestre sustento e morada, e parava-se do que por ele tinha já feito.
>
> Quando passou de menino a rapaz, e chegou a saber barbear e sangrar sofrivelmente, foi obrigado a manter-se à sua custa e a pagar a morada com os ganchos que fazia, porque o produto do mais trabalho pertencia ainda ao mestre. Sujeitou-se a isso. Porém queria ainda mais: exigiam que continuasse a empregar-se no serviço doméstico, lavrou-lhe então n'alma um arrepio de dignidade: já era oficial, e não queria rebaixar o seu ofício. Virou mareta; fez-se duro, e safou-se de caso sem escrúpulos nem remorsos, pois bem sabia que estavam saldas as contas de parte a parte. Tinham-no criado; ele

Editora Ática, P. - 93.

> tinha servido. Também não encontrou grande resistência à sua deliberação. (p. 34,35).

> (...) Saibam pois que a família era composta de duas irmãs, ambas viúvas, ou que pelo menos diziam sê-lo, uma com três filhos e outra com três filhas; passando qualquer das duas dos seus quarenta e tantos; ambas gordas e excessivamente parecidas. Os três filhos da primeira eram três formidáveis rapagões de 20 anos para cima, empregados todos no Trem; as três filhas da segunda eram três raparigas desempenadas, orçando pela mesma idade dos primos, e bonitas cada uma no seu gênero. Uma delas já os leitores conhecem; é Vidinha, a cantora de modinhas; era solteira como uma de suas irmãs; a última era também solteira, porém não como estas duas. (p. 100).

Percebemos aí a falta de uma estrutura familiar comum no Romantismo, onde os filhos são criados pelo pai e mãe.

Uma outra família totalmente desestruturada, era a família da Vidinha. Sua mãe possuía uma irmã e ambas diziam ser viúvas. A irmã da mãe possuía três filhos e a mãe de Vidinha três filhas, todos moravam juntos e os primos pretendiam o amor das primas.

> Se o leitor pensou no que há pouco dissemos, isto é, que naquela família haviam três primos e três primas, e se agora acrescentarmos que moravam todos juntos, deve ter cismado alguma coisa a respeito. Três primos e três primas, morando na mesma casa, todos moços... não há nada mais natural; um primo para cada prima, e está tudo arranjado. Cumpre porém ainda observar que o amigo do Leonardo tomara conta de uma das primas, e que deste modo vinha a haver três primos para duas primas, isto é, o excesso de um primo. À vista disto o negócio já se torna mais complicado. Pois para encurtar razão, sabia-se que haviam dois primos pretendentes a uma só prima, e essa era Vidinha, a mais bonita de todas; sabia-se mais que um era atendido e outro desprezado: logo, o amigo Leonardo terá desta vez de lutar com duas contrariedade em vez de uma. (pp.- 101, 102).

Uma outra relação que foge à ordem imposta pela sociedade da época é a do major Vidigal com Maria Regalada. Justamente o representante da Lei, cuja função era

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

manter a sociedade em ordem, investe numa relação fora dos padrões sociais e religiosos, pois vai viver junto com Maria Regalada sem constituir matrimônio. "A Maria Regalada tinha por muito tempo os desejos ardentes que nutria o major de que ela visse definitivamente morar em sua companhia." (p. 52)

A única instituição familiar organizada de acordo com os padrões da época, pai, mãe e filhos, foi o da Luisinha, tanto com o primeiro marido, José Manoel, no qual ela não foi feliz, pois casou-se com ela por interesse, quanto com Leonardo união que só se realiza no final do romance.

> Depois de tudo isto quer ainda o leitor que lhe declaremos que a sobrinha D. Maria casava-se naquela tarde com José Manoel?
>
> Chegou o momento da partida. Luisinha, conduzida por D. Maria, que lhe ia servir de madrinha, embarcou num dos destroços da arca de Noé, a que chamamos carruagem; José Manuel, acompanhado por quem lhe ia servir de padrinho, fez outro tanto, e partiram depressa para a igreja. (p. 113).
>
> Passado o tempo indispensável do luto, em uniforme de sargento de milícias, recebeu-se na Sé com Luisinha, assistindo à cerimônia a família em peso. (p. 152).

A religião predominante no período em que Manoel Almeida escreveu *Memórias de um Sargento de Milícias* já era o catolicismo, porém à semelhança da sociedade familiar, a religiosa também já estava contaminada com crendices, superstições e ocultismo mostrando um Brasil que já começava a se desprender da metrópole e que começava a ganhar feições de uma sociedade já autônoma, mostrando, isso nos modos de ser, agir e sentir dessa sociedade.

O primeiro membro desta sociedade religiosa que muito nos chama a atenção é a comadre, conhecida por todos como a beata e a maior papa-missas da cidade. Mesmo sendo muito religiosa tinha uma queda para o ocultismo, pois benzia de quebranto e

possuía várias superstições tais como: o uso de arruda para espantar mau olhado e o uso da figa de ouro ou de osso.

> A festa acabou tarde; a madrinha foi a última que saiu deitando a benção ao afilhado e pondo-lhe no cinteiro um raminho de arruda. (p. 14).
>
> (...) e benzia de quebranto todos a conheciam por muito beata e pela mais desabrida papa-missas da cidade...
> (...)
> ... o seu traje habitual era (...) um rosário pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isso coberto por uma clássica mantinha, junto à renda da qual se pegava figa de ouro ou de osso. (p. 30).

Apesar dessa aparência religiosa a comadre tinha certos hábitos que não condiziam com a sua religiosidade, como por exemplo: gostava de falar da vida alheia.

Um dia ao saber da separação de Maria da hortaliça e Leonardo Pataca correu a casa do compadre para investigar o ocorrido.

> ... não se pense porém que a levara a isso outro interesse que não fosse a curiosidade, quero saber o caso com todos os menos detalhes; isso lhe dava matéria para a conversa na igreja, e para entreter as partucientes que se confiavam aos seus cuidados. (p. 31).
> (...)
> E prosseguindo a comadre contou muito em segredo, como já o tinha feito a todos os seus conhecidos, toda a história dos infelizes amores do Leonardo com a Maria, todos as diabruras do menino que ela deixara, e de que o padrinho tomara conta; passou depois a relatar todo ocorrido com a cigana, e voltou de novo à história da prisão que contou e recontou vinte vezes, sem lhe escapar a mais pequenina circunstância. (pp. - 33,34).

Uma outra característica da comadre que não combina com sua religiosidade é o gosto pela intriga. Para afastar José Manoel da casa de Dona Maria e deixar o caminho livre para o afilhado Leonardo, ela diz para Dona Maria que fora José Manoel quem havia roubado a moça do oratório de pedras.

> _ Mas então quem foi, vamos; quero saber quem foi o ladrão da moça e do dinheiro...
>
> _ Só lhe direi, respondeu a comadre depois de alguma hesitação, se me prometerdes guardar todo o segredo, que o caso é muito sério.
>
> _ Ora bem sabe que eu... é o mesmo que cair num poço.
>
> Apesar de estarem sós, a comadre inclinou-se ao ouvido de D. Maria, e disse-lhe o mais baixinho que pôde:
>
> _ Foi o nosso grande camarada... a boa peça do José Manuel... (p. 83)

Mesmo havendo um sentimento religioso muito forte na sociedade de *Memórias de um Sargento de Milícias* havia também aqueles que acreditavam em feitiçarias e muitas vezes recorriam a elas. O Leonardo Pataca era um desses. Após ter sido traído e abandonado pela segunda vez, Leonardo Pataca recorre ao caboclo velho para pedir sua ajuda.

> E não era só a gente do povo que dava créditos às feitiçarias; conta-se que muitas pessoas da alta sociedade de então iam às vezes comprar venturas e felicidades pelo cômodo preço da prática de algumas imoralidades e superstições.
>
> (...)
>
> Entregou-se portanto em corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, o mais afamado de todos os do ofício, tinha-se sujeitado a uma infinidade de provas, que começavam sempre por uma contribuição pecuniária, e ainda nada havia conseguido; tinha sofrido fumigações de ervas sufocantes, tragado beberagens e mui enjoativo sabor; sabia de cor milhares de orações misteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia; ia depositar quase todas as noites em lugares determinadas quantias e objetos com o fim de chamar em auxílio, dizia o caboclo, as suas divindades, e apesar de tudo a cigana

> resistia ao sortilégio. Decidiu-se finalmente a sujeitar-se a última prova, que foi marcada para meia noite em ponto na casa que já conhecemos. À hora aprasada lá se achou Leonardo; encontrou na porta o nojento nigromante, que não consentiu que ele entrasse de modo em que se achava, e obrigou-o a pôr-se primeiro em hábitos de Adão no paraíso, cobriu-o depois com um manto imundo que trazia, e só então lhe franqueou a entrada. (p. 23).

A sociedade narrada em *Memórias de um Sargento de Milícias era extremamente religiosa e devota, eram comuns as vias-sacras.*

> Há bem pouco tempo que existiam ainda em certas ruas desta cidade cruzes negras pelas paredes de espaço em espaço.
>
> Às quartas-feiras e em outros dias da semana saia do Bom Jesus e de outras igrejas uma espécie de procissão composta por alguns padres conduzindo cruzes, irmãos de algumas irmandade com lanternas, e povo em grande quantidade; os padres rezavam e o povo acompanhava a reza. Em cada cruz parava o acompanhamento, ajoelhavam-se todos, e oravam durante muito tempo. (p. 21).

As procissões faziam parte do cotidiano dessa sociedade.

> Nesse tempo as procissões eram multiplicadas, e cada qual buscava ser mais rica e ostentar maior luxo: as da quaresma eram de uma pampa extraordinária, especialmente quando el-rei se dignava acompanhá-las, obrigando toda a corte a fazer outro tanto: a que primava porém entre todas era a chamada procissão dos ouvires. Ninguém ficava em casa no dia em que ela saia, ou na rua ou nas casas dos desconhecidos e amigos que tinham a ventura de morar em lugar por onde ela passasse, achavam todos meio de vê-la. Alguns a viam tão devotos, que não se contentavam vendo-a uma só vez; andavam de casa desta para casa daquela; desta rua para aquela; até conseguir vê-la desfilar de princípio a fim

> duas, quatro e seis vezes, sem o que não se dava por satisfeito. (p. 60)

A maior parte da sociedade escrita por Manoel Antonio de Almeida, podemos dizer que viviam uma vida de falsa religiosidade, inclusive o próprio padre, o representante maior da igreja que foi pego no quarto da cigana em trajes menores.

> (...) Nesse ínterim a cigana muito perturbada olhava repetidas vezes para a porta do quarto, dando sinais da mais viva inquietação. Não escapou isso ao Vidigal, que no fim de tudo disse a um granadeiro:
>
> _ Revista aquele quarto...
>
> A cigana deu um grito; o granadeiro obedeceu e entrou no quarto: ouviu-se então um pequeno rumor, e o Vidigal disse logo cá de fora:
>
> _ Traz pra cá quem estiver lá dentro.
>
> No mesmo instante viu aparecer o granadeiro trazendo pelo braço o Ver. mestre-de-cerimônias em ceroulas curtas e largas, de meias pretas, sapatos de fivelas, e solidéu à cabeça.
>
> Apesar dos apuros em que se achavam, todos desataram a rir: só ele e a cigana choravam de envergonhados.
>
> Esta última pôs-se ao pé do Vidigal, mas ele foi inflexível; e o Ver. foi conduzido com os outros para a casa da guarda na Sé, sendo-lhe apenas permitido pôr-se em hábitos decentes. (p. 57).

Apesar da religiosidade da sociedade descrita na obra, Leonardo, o protagonista do romance tinha verdadeira aversão à religião e a tudo que estava ligado a ela, mas mesmo assim o padrinho desejava fazer dele um clérigo.

> ... Há porém uma coisa que o entristece no meio de tudo: o menino tem para reza em geral para tudo quanto diz respeito a religião, uma aversão decidida; não é capaz de fazer o pelo sinal da esquerda para a direita fá-lo sempre da direita para a esquerda, e não foi possível o padrinho, apesar de toda a paciência e boa vontade, fazê-lo repetir de cor sem errar ao menos a metade do padre-nosso; em vez de dizer "vem a nós o vosso reino" diz sempre "vem a nós o pão nosso." Ir à missa ou ao sermão é para ele o maior de todos os suplícios, isto faz que o padrinho desespere às vezes, e até chegue a concordar com a comadre em que o menino não tem jeito para o clérigo; porém são nuvens passageiras; sempre há isto ou aquilo

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

que faz renascer todas as esperanças, e o homem caminha animado na sua obra. (p. 41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos autores têm escrito sobre *Memórias de um Sargento de Milícias*, mas parece que a grande controvérsia sobre sua classificação os tem deixado sempre com o pé atrás, pois muito tem sido dito, porém ninguém afirma categoricamente sua classificação. A maior discussão é se ela é um romance picaresco ou não, e a esse respeito alguns autores se divergem, pois Leonardo, o personagem principal, possui algumas características do pícaro. Como disse no início do terceiro capítulo, o que assemelha Leonardo ao pícaro é a sua origem (filho de um beliscão e uma pisadela). Outra semelhança é que Leonardo, assim como o pícaro não é mulherengo nem beberrão, porém em todos os outros aspectos ele se distancia do pícaro.

Hildebrando Campestrini[25] porém, parece não descartar essa idéia, pois diz que Manuel Antônio de Almeida fez uma obra humorística, focalizou a classe pobre e pôs como central um personagem picaresco...

Antonio Cândido e Cecília de Lara discordam dessa idéia, pois para eles, Leonardo não é um pícaro, mas o primeiro grande malandro da novelística brasileira, no que concordo com eles, pois ele se aproxima mais ao malandro que procura sempre se dar bem, sem contudo prejudicar os outros.

---

[25] HILDEBRANDO, campestrini. Literatura Brasileira. Op. cit. P. 47.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Carlos Nelson Coutinho[26] diz o seguinte: "o romance de Almeida aproxima-se estruturalmente do grande realismo inglês do século XVIII, (...) ou seja, de um tipo de romance que é expressão de uma época na qual o capitalismo (...) ainda não revelara inteiramente a sua face contraditória e repressora da individualidade."

Veja, Coutinho não afirma nada, diz apenas que aproxima-se estruturalmente do realismo inglês do século XVIII.

Lucien Goldmann[27], falando a respeito do herói problemático, que é como vejo Leonardo, diz que os romances de herói problemático "situa-se no plano a que chamamos o período de transição..."

Faraco e Moura[28] também dizem que *Memórias de um Sargento de Milícias* foge às convenções do romantismo e que é considerado uma obra de transição para o realismo. Colocação que concordo, pois tudo indica que Manuel Antônio de Almeida rompeu propositadamente com o modelo romântico que vigorava na época, querendo com isso mostrar para os colegas que já não suportavam a estética em vigor, mas que não tinham coragem para romper com ela, que isso era possível.

Lúcia Miguel Pereira[29] coloca que "onde o próprio Machado de Assis hesitava, outros encontravam o caminho (...) em pleno fastígio romântico, um escritor de caráter local, este citadino, mas atento sobretudo aos tipos populares, Manuel Antônio de Almeida, fizera um livro de admirável precisão; precursor embora, dotado de antevisão que é um dos sintomas da genialidade, talvez entretanto não evitasse os chavões em uso se não enveredasse pelo pitoresco."

---

[26] COUTINHO, Carlos Nelson. Realismo & Antirealismo na Literatura Brasileira. P. 9
[27] GOIDMANN, Lucien. A Sociologia do Romance. P. 45.
[28] FARACO & MOURA. Língua e Literatura. Op. cit.
[29] PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de Ficção. P. 36.

Sabemos que o realismo no Brasil implantou-se com Aluízio de Azevedo através de *O Mulato*, mas sabemos também que vários outros tentaram romper com a estética romântica, porém não o conseguiram.

Acredito que foi isto que Almeida tentou fazer, porém sua obra ainda permaneceu com alguns resquícios românticos, por isso creio que podemos dizer que sua obra é de transição do romantismo para o realismo.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Manuel de. *Memórias de um Sargento de Milícias.* 31 ed., Editora Ática, São Paulo - S.P., 1998.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira.* 3 ed. Editora Cultrix. São Paulo - S.P., 1992.

CANDIDO, Antonio. *Dialética da Malandragem* (fortuna crítica) in ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um Sargento de Milícias* - ed crítica de Cecília de Lara - Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978, p. 320.

COUTINHO, Afrânio. Co-Direção Eduardo Faria. *A Literatura no Brasil.* Era Romântica. Vol III, parte II. 4 ed., Editora Global, São Paulo. 1997

COUTINHO, Carlos Nelson. *Realismo & Anti-realismo na Literatura Brasileira.* Editora Paz e Terra, S.A. Rio de Janeiro - GB., 1974.

FARACO & MOURA, Carlos Emílio e Francisco Marto. *Língua e Literatura.* 18 ed. Vol. II, 2º Grau, Ed. Ática, São Paulo-SP. 1998.

GIODMANN, Lucien. *A Sociologia do Romance*. Editora Paz e Terra.

GOLDSTEIN, Norma e CAMPEDELI Samira. *Literatura Brasileira estudo e textos.* 5 ed. Editora Ática, SD.

HILDEBRANDO, Campestrini. *Literatura Brasileira, com textos e testes.* Editora FTD S.A. São Paulo-SP. 1977.

MOISÉS, Massaud. Vol. II, *Romantismo*, 1 ed. Editora Cultrix, São Paulo - SP. 1984.

MOISÉS, Massaud. *Literatura Portuguesa em perspectiva.* Vol III, São Paulo: Editora Atlas, 1994. P. 166.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira.* Prosa e Ficção (de 1870-1920). Vol. 131. Editora Itatiaia. Belo Horizonte. 1988.